

NITA LUPI

2089

# ELOENDROS

SONETOS

1 9 4 0



# ELOENDROS

## ERRATA

Pág. 21 onde se lê: perfume nostálgico dos montes  
deve ler-se: o perfume nostálgico dos montes.

NITA LUPI

# ELOENDROS

SONETOS

1 9 4 0

*DA AUTORA:*

LAGO AZUL (1932) — ESGOTADO  
ELOENDROS (1940)

*NO PRELO:*

A MORTE DA "RUÇA,, (CONTOS)  
NO MEU TEMPO . . . (CRÓNICAS)

*Como na flor dos eloendros canta  
A sagrada alegria de viver,  
Quando a luz do meu sonho se levanta  
Há tumultos de vida no meu ser.*

. . . . .  
. . . . .

## ASPIRAÇÃO

SE eu pudesse sentir o que imagino  
Na beleza das coisas misteriosas!  
Na timidez das aves, no destino  
Dessas fôlhas d'Outono receosas...

Se eu pudesse volver ao mais divino  
Sonho, etêrio, das nuvens vaporosas...  
Ou, como as ondas entoar o hino  
Dos Mares... ler no coração das rosas...

Se eu pudesse saber o que se esconde  
No abismo dos astros! E essa dor  
Que tem o sol no derradeiro olhar...

E, nesta treva, se eu soubesse onde,  
Onde existe a luz dum grande amor!  
E se o pudesse ao menos, encontrar...

## INCERTEZA 1921

**N**ADA existe, que atinja a perfeição  
Da transitória forma do irreal.  
Se tudo pode o pensamento, em vão  
Procuramos dar vida ao ideal.

É apenas dos olhos o condão  
De modelar a sombra sem igual,  
Quando, libertas, as idéias são  
Como pombas voando dum pombal.

Asas serenas, asas poderosas  
Da Ilusão que passa, como o vento,  
Sôbre a vida simbólica das rosas,

Pensamento d'amor, aonde me levas,  
Iluminado e triste pensamento,  
A caminho dos astros, ou das trevas?!

## MAIO

PASSOU a chuva, veio o sol; agora,  
Primavera outra vez. A terra canta,  
De novo aspira o seu amor d'outrora,  
No ardor virginal de cada planta.

Vão as aves sonhando à luz d'aurora  
— A manhã é perfume... — E tanta, tanta  
É a luz dêste céu, que nesta hora  
Sinto que Deus em tudo se levanta!

Primavera, um sorriso aberto em flores:  
Porque foges de mim, nessa ilusão  
Com que vais semeando tantas dores?

Ah! dá-me, ao menos, a serenidade,  
Para que eu possa ver meu coração  
Em seu túmulo triste de saúde...

## CIÚME

Às vezes, quando a mágoa se enternece  
Dos meus olhos cansados de chorar,  
Quando a saüdade, aos poucos, adormece,  
E fica mais sereno o meu olhar...

Quando tudo em meus sonhos aparece  
Como um côro de sombras a errar,  
A luz do meu amor entenebrece  
E fico só num mundo singular.

O que sou eu, por fim, sem a tristeza,  
Minha graça maior, e sem a dor,  
Aquele dor que em vida se resume?

O que sou eu sem ti nesta incerteza?...  
O que sou, afinal, sem êste amor,  
Sem o tormento dêste vil ciúme?!

## ENTARDECER

A tarde loira foi uma princesa  
Que morreu de saúde lá no mar.  
Olha a luz do poente — que tristeza! —  
Aureolando o túmulo a sangrar.

A palidez da morta ficou presa  
À terra, como um sonho de luar.  
E a voz dela nos astros ainda reza,  
Ainda canta, para se embalar...

— Não morreu! Não morreu! — Dizem as fontes.  
Mas o silêncio é cada vez maior,  
E a noite abraça a viúvez dos montes.

Caem lágrimas d'oiro na distância.  
E, na serra, cercada de pavor,  
As nuvens correm, numa doida ânsia.

## CONTRASTE

**N**ão é verdade que esta noite a lua  
Vem mais triste e mais só? Nem uma estrêla  
Boiando pelo céu! Em volta dela,  
A solidão da noite continua.

O azul é baço, olhando da janela.  
Para lá do silêncio desta rua,  
As sombras que o luar mais acentua,  
A meus olhos são muda sentinela.

Como tudo é diferente na tristeza!  
Quantas vezes, os dois, de braço dado,  
Fomos cantando na melancolia

Dêste luar de mística beleza!  
E, ouvindo os rouxinois pelo silvado,  
Quantas vezes chorámos de alegria!

## RAZÃO

Não morre o sol sem dor, nem desfalece  
O Mar irado, contra a solidão,  
Sem um louco gemido onde parece  
Que se desfaz seu rude coração.

Nem o vento nos vales adormece  
Sem dizer uma tímida oração...  
E se um lírio mais pálido estremece,  
A Morte passa e pede-lhe perdão.

Como queres que eu cale a minha dor,  
Se até a fera grita por amor  
E a manhã chora lágrimas de luz?

Como posso esconder a minha mágoa,  
Se nos meus olhos, tristes, rasos d'água,  
Tôda a minha ansiedade se traduz?!

## AO DOMINGO

L EMBRAM nossos passeios tão felizes,  
Nesses domingos em que tudo aclara,  
Um pobre sonho que criou raízes  
Como o trigo ondeante duma seara.

Não há ninho nem flor que não divises!  
E, no quadro que o campo nos depara,  
Tem um novo sabor o que me dizes,  
Uma expressão mais linda a tua cara.

Pura, a essência das coisas mais singelas  
Entra por fim em nossos corações,  
Enquanto a tarde morre nos caminhos...

No teu olhar acendem-se as estrélas.  
E eu sinto em mim a doce convicção  
De que cantam p'ra nós os passarinhos.

## MELANCOLIA

**E**SCUTA! Chora o vento nas estradas  
E cada vez sonham mais alto as fontes...  
Cerrou-se o nevoeiro nas quebradas,  
Os rios galgam milharais e pontes!

O sol afaga as rosas desfolhadas,  
Doira a tarde, avoluma os horizontes.  
O Outono abraça ainda, iluminadas,  
As estevas sòzinhas pelos montes.

As primeiras chuvadas redimiram  
A Terra — agora mística a sonhar  
Com o fruto bendito dêsse amor...

E por tôdas as coisas que sentiram  
A tristeza do Outono a soluçar,  
Paira um divino cântico de dor.

## RUÏNA

**D**ESABOU meu castelo de ilusões  
— Nosso castelo d'oiro à beira-mar —  
Adeus, mundo d'amor, adeus, canções  
Entre o côro das ondas, ao luar!

Lendas sagradas e recordações,  
— Destroços d'alma — tudo a naufragar...  
À tona d'água, nossos corações  
São dois astros, ainda a flutuar.

Os meus sonhos desmaiam. Em redor  
Vejo o deserto só, a sombra vaga  
— Erma sombra da noite que me enlaça.

A treva desce cada vez maior  
Mas, dos meus olhos, nunca mais se apaga  
A radiosa luz da tua graça.

## SEMPRE

**N**ão invejes a luz da mocidade.  
Para mim terás sempre essa alegria  
Nos teus olhos e a mesma claridade  
Com que me viste no primeiro dia.

Para o nosso romance sempre há-de  
A ternura vencer por simpatia:  
Tu serás sempre nesta ansiedade  
Aquêlê novo amor que principia!

O tempo gasta as míseras paixões,  
É certo, mas a fôrça do amor,  
Enraíza por fim nos corações.

Ou desperta o mais tímido sentido,  
Como dentro dum lago adormecido  
Desabrocha o sorriso duma flor.

## DESTINOS

**A** ONDE vão as rosas desfolhadas,  
Quando o vento as impele e as desterra?  
E essas gotas de orvalho derramadas  
Sôbre as ervas mais tímidas da terra?

Aonde vão à tarde, acasteladas,  
As nuvens d'oiro que o poente encerra,  
E êsse luar das noites prateadas,  
Que a cortina do céu azul descerra?

Aonde vão dormir tantas estrêlas,  
Quando a manhã desponha no meio delas,  
Rainha etêrea dominando o céu?

E as ondas suspirando praia em praia?  
E o sol... a luz do sol quando desmaia?  
Aonde vai meu coração? E o teu?

## AUSÊNCIA

**N**ÃO voltes meu amor, tudo é diferente.  
O Outono desce à pressa, a luz desmaia  
E até a flor ingénua dessa olaia  
Que tanto amavas, foi-se de repente.

Ennevoaram-se as manhãs da praia.  
O sol é vago, histérico, doente...  
Sopra o vento do Norte, amargamente;  
Não há fôlha doirada que não caia.

O céu azul vestiu-se de tristeza.  
Almas e coisas perdem a beleza...  
— Não conhecias nada no regresso!

E eu... — é verdade! — eu vou a par do outono:  
Colheu-me em tudo um íntimo abandono.  
Não voltes... só eu sei porque to peço!

## PASSEIO

SOL posto. Sombra. Vamos braço dado...  
Dansam ao vento as velas dos moinhos.  
A seara é um mar todo enfeitado,  
Onde as papoilas rubras são barquinhos.

Como se fôsse um dia abençoado  
De Deus, as aves soltam-se dos ninhos,  
E vão realizar o seu noivado,  
Sôbre a ramagem dos pinhais vizinhos.

Na volúpia de todos os instantes,  
Sente-se o aroma dos vergéis distantes,  
O incenso puríssimo do ar...

E os teus olhos, no meio da paisagem,  
São como lagos d'ouro entre a folhagem,  
Onde os astros se vêm debruçar...

## SAÜDADE

O casto murmurar das rôlas bravas,  
perfume nostálgico dos montes,  
O céu azul, os beijos que me davas...  
O côro melancólico das fontes...

Os teus olhos serenos, se elevavas  
O brando olhar à luz dos horizontes,  
Êsses versos d'amor que me cantavas...  
Não me recordes nada! Nem me contes

Idílios mortos que a saüdade embala!  
A tua voz, agora, se me fala,  
— Tormento glacial da minha mágoa —

É o éco cruel dessa paisagem,  
Onde ficou dormindo a tua imagem  
Eternamente, nos espelhos d'água...

## INQUIETAÇÃO

**T**UDO o que sinto, tudo o que desejo,  
Nada me encanta nem me satisfaz.  
Não há sonho d'amor, nem luz, nem beijo,  
Que me transporte à minha antiga paz.

Perdi contigo o último lampejo  
Do meu destino glorioso. Atrás  
De ti caminho. Choro... e não te vejo!  
— Já não sei aonde vou nem onde estás.

Vivo dentro de ti — longe de mim,  
Quando ajoelho e rezo, quando choro  
Ou canto alegremente, heròicamente,

É só por ti que me transporto assim:  
Porque sofro por ti, porque te adoro,  
Porque te odeio e quero doidamente!

## REGRESSO À ALDEIA

**O**LHA as rosas vermelhas dos quintais  
Tão nossos conhecidos! Olha a horta  
De alegres romanzeiras — Quási morta  
A fonte onde bebiam os pardais...

Ó minha velha casa, a tua porta  
Tatuada do tempo, nunca mais,  
A poderei abrír... E nos beirais  
Nem a graça dum ninho se comporta!

Sôbre o muro da cêrca, a trepadeira  
De boganvil espalha claridade.  
— Melancolia duma luz em flor!

Uma pomba no ar passa, ligeira...  
Penso em ti. E ao milagre da saúde,  
Parece que renasce o nosso amor.

## MEU SEGRÊDO

Ah! se eu pudesse olhar-te frente a frente,  
À luz do sol, num riso de alegria,  
Mostrar o meu segrêdo a tôda a gente  
E morrer nos teus braços dia a dia!

Se eu revelasse o que a minha alma sente,  
Quando caminhas para mim, seria  
Um poema banal que, certamente,  
Na sua própria sombra morreria.

Se eu pudesse dizer, quando tu passas:  
«É meu!» e nesse olhar com que me enlaças  
Tu disseses também como eu sou tua...

O nosso amor não era o nosso amor!  
Era apenas um drama sem valor,  
Como tantos que passam pela rua.

## PREIAMAR

LUMINOSAS conchinhas que a maré  
Deitou à praia numa onda mansa,  
Anda nelas meu sonho de criança,  
Minha crença, meu riso e minha fé.

Sôbre as algas marinhas côr de esp'rança,  
A minha sombra desfalece... e até  
O Mar avulta, desce e não descansa  
Sem vir à praia perguntar: — quem é?

— Quem sou! — Responde a luz do meu olhar. —  
E que sois vós, destroços de ilusão,  
Sombras paradas, horizonte mudo?...

Caprichosas conchinhas, que, ao luar,  
São pedaços dum louco coração  
Que o tempo quebra como desfaz tudo.

## CAVADOR

**N**o teu sangue plebeu a vida canta!  
Sangue heróico e terrível, sem igual,  
Que na luta divina se levanta,  
Para levar à terra o seu ideal.

Inconsciência criadora e santa,  
Que, na sua virtude sensual,  
Alimenta o vigor de cada planta,  
Na mais estéril solidão dum vale.

E foi por ti, talvez, que aquêle braço  
Do pinheiro mais alto do deserto  
Se ergueu um dia, abençoando o mundo...

Foi por ti que se uniram num abraço,  
Como dois corações num peito aberto,  
Terra e Sol, num idílio mais profundo.

## TEMPESTADE

OLHA, lá fora, a chuva musical,  
Numa triste balada impertinente.  
E a batalha sem fim do vendaval  
Agreste nessa luta inconsciente.

É a dor do Inverno. Olha o pinhal,  
Como êle escuta a voz do Mar... e sente,  
Naquela ansiedade vegetal,  
A nostalgia doutro mundo ausente.

Como tudo é profundo na tristeza!  
É maior e mais belo o sofrimento  
Quando, divina, a voz da natureza,

Na sua essencial melancolia,  
Solta um câro de lágrimas que o vento,  
Correndo, espalha em doida sinfonia.

## AQUELA FONTE

«AQUI onde me vês — disse-me a fonte  
Onde matei a sede no caminho —  
Menina vim da solidão do monte,  
Como a ave que foge do seu ninho.

Quando se apaga o sol no horizonte,  
Quando a noite tristíssima adivinho...  
Que nunca saibas, que ninguém te conte  
O que é a dor dum coração sòzinho!»

Assim bebi as lágrimas sentidas  
Dessa dor ignorada, dessa mágoa  
Que passou a ser minha desde então.

E na sombra fatal das nossas vidas,  
Como naquela nostalgia d'água,  
Cada vez é maior a solidão.

## TRIUNFO

L ONGE de ti, quando a saüdade inunda  
O romance d'amor que nos unia,  
Sinto em mim uma glória bem mais funda,  
Bem maior do que aquela que sentia.

Sonhos, desejos... tudo... a mais profunda  
Aspiração da minha vida! Um dia,  
Como um barco perdido que se afunda,  
Eu vi morrer de todo essa alegria.

Mas, depois dessa luta inglória, vejo  
Que, afinal, o destino dêsse amor  
Não teve mais que a duração dum beijo!...

E sou feliz ao ver que a minha sorte  
Foi o triunfo ainda duma dor,  
Que veio ao mundo p'ra saivar a morte.

## PAIXÃO

ÊSSE que tem um sol no brando olhar  
E o sorriso mais doce do que um beijo,  
Vestiu de luz a treva do meu lar  
E deu vida por fim ao meu desejo.

Êsse que tem a glória de encantar  
— Ternura de luar e voz de harpejo —  
É um hino de amor que anda a pairar  
Sôbre a minha alegria quando o vejo.

Não sei se o merecia. No entanto  
Quando desperto dêste doce encanto  
E renasço outra vez na minha dor,

É como se de novo o procurasse!  
E pela vez primeira despertasse  
Em mim a sensação dum novo amor.

## TRANSFIGURAÇÃO

**H** EI-DE voltar, hei-de voltar um dia.  
Sombra, perfume, luz ou pensamento.  
Hei-de voltar, talvez, no desalento  
Duma tarde de pura nostalgia.

Hei-de cantar a pastoral do vento  
Sôbre a tua janela muda e fria.  
Serei o riso da tua alegria,  
O teu sonho d'amor... O teu tormento.

E os teus olhos que noutros horizontes  
Andam cegos de olvido, nesse instante,  
Os teus olhos, quem sabe o que farão?!

Como um beijo de luz procura os montes,  
Hão-de seguir-me como um sol distante,  
Ou procurar-me pelo mundo em vão.

## AMOR

O meu desejo é ver-te sem tristeza.  
Bendita primavera a nossa vida!  
Há-de ter sempre a mesma singeleza,  
Dentro do mesmo ponto de partida.

No sol divino da tua beleza,  
Por vezes, uma sombra indefinida  
Passa... Porque te calas? Que incerteza  
Escondes nessa lágrima oprimida?

O meu desejo é ver-te em alegria,  
Rindo e cantando para mim, que um dia  
Teremos tempo de chorar, talvez,

Quando a morte, na sua crueldade,  
Escolher entre os dois aquêle que há-de  
Ficar no mundo em triste viüvez.

## S P L E E N

R OSAS de neve, trémulas, esquivas,  
O vento as leva rindo nos caminhos!  
E balouçando os míseros raminhos,  
Vai no rio afogá-las, ainda vivas.

Que é da nossa alegria? Que é dos ninhos  
Ó loucas andorinhas fugitivas?  
— Na folhagem das cepas primitivas,  
Tombou a palidez de certos vinhos...

Será isto o Outono? — Que tristeza...  
E eu que nunca senti a natureza  
Sofrer assim, nesta desolação,

Vejo o sol — exilado moribundo —  
Como quem vê fugir p'ra outro mundo  
A derradeira luz do coração.

# VISÕES DO SUL

## I

**C**HAMINÉS em ogiva, sol em chama:  
Eis o Algarve em típica harmonia.  
Pelas serras, ainda à luz do dia,  
Há sinais positivos da moirama.

Povo crente na sua fantasia,  
Lendas sagradas que criaram fama.  
E êsse verde dos campos, numa orgia,  
É o divino abrigo de quem ama.

Laranjais, amendoais, milagres... fontes  
Que são a voz nostálgica dos montes,  
Sempre em doce colóquio com o Mar!

Tardes de sonho que o amor embala,  
Em que tudo se agita e tudo fala  
Dum mundo oculto que nos faz pensar...

**A**L FARROBEIRAS rindo ao *sol-postinho*,  
Quando o vento cascalha no folheto,  
São elas que dão mote ao «corridinho»,  
Na graça hilariante do folguedo.

Branças, as velas pandas dum moínho,  
Baila, que baila, logo manhã cedo,  
Dizem «adeus... adeus»... ao Mar vizinho,  
Do alto solarengo dum penedo.

Mas as figueiras, essas, resignadas,  
Odaliscas morenas da campina,  
Lá onde o sol é rei dominador,

As figueiras, no chão, ajoelhadas,  
Nuas, beijando o pó à luz divina,  
São as escravas do inverno em flor.

III

L UAR. A noite embala-se no espaço.  
Ao alto do castelo dominante,  
Ouvem-se ainda as moiras no terraço  
Num murmúrio de vozes, suplicante.

Rumores de cavalgada. Um côro de aço  
Cruza no ar. Acalma-se um instante  
O gemido das sombras... Num cansaço  
Vagueia a lua pelo céu distante.

O que resta por fim dessa contenda  
— Eco sinistro que o sabor da lenda  
Por êsses êrmos repetindo espalha?

Moiras a quem a dor prendeu à terra;  
Alfanges, estandartes, sons de guerra,  
Ilusões que o sol vence e amortalha!

## SETEMBRO

**D**ESCANSAM as catraias sôbre a areia.  
À beira d'água sente-se o abandono  
Do vento sul, nostálgico, que ondeia  
Num doloroso frémito de outono.

No horizonte em fogo, o sol ateia  
O seu último olhar. Caem de sono  
As gaivotas fugindo à lua cheia,  
Como fada no azul do seu «Kimono».

O que resta da última alegria  
Dêsse Agôsto pagão, ardente e louco  
— Êsse fauno simbólico do estio?

O que resta da nossa fantasia?  
Juras da beira-mar que, pouco a pouco,  
Morrem de tédio... quebram-se de frio...

## AMENDOEIRAS EM FLOR

**A**MENDOEIRAS em flor! quero a certeza  
De que um dia ao morrer—seja lá quando—  
Possa senti-las sôbre mim tombando,  
Numa chuva de mágica beleza.

Nem saüdades nem lágrimas rolando  
Sôbre o meu corpo de mortal frieza:  
Quero a mesma profunda singeleza  
Que sempre em minha vida andei sonhando.

Quero a sagrada luz auroreal  
E linda — verdadeiramente ideal —  
Dessa ilusão de neve e primavera,

Para vê-las, as pétalas, caindo  
Mais serenas, mais pálidas, ungingo  
Meu corpo entregue à última quimera.

## A FADO VELHO

**A** CABOU-SE O gemer das guitarradas.  
Já não sofrem tristezas os fadistas.  
As violas que foram às conquistas  
Em Alcácer-Quibir, estão cansadas.

Despedaçou o sonho dos artistas,  
Um dilúvio de cordas magoadas...  
Velha canção das eras apagadas  
Não te encostes à mágoa, não resistas

À epopeia mágica, de novo!  
Não leves mais o fado doloroso  
A soluçar na sombra dos portais.

Veste de sol a música do povo!  
Deixa dormir em paz o Vimioso,  
— A Severa morreu... não chores mais.

## VELHO TÊMA

**N**ão, não venhas ainda — que amargura!  
Tenho os olhos velados de tristeza...  
As aves abandonam a verdura,  
A chuva alaga tôda a natureza.

Esperemos um pouco. O inverno dura  
Só meses... E de novo outra beleza  
Outra luz, outro bem, outra alegria  
Hão-de sorrir na terra com certeza.

Gosto do sol, bem sabes. A saüdade  
Dêstes dias cinzentos, amortece  
A mais linda e risonha mocidade.

Quantos anos de ausência? Cinco? — É tanto...  
Esta chuva, meu Deus, como adocece!  
Não, não venhas ainda, por enquanto.

## ARRAIAL

**T**ATUAGENS de luz, cantos dispersos,  
Palavras dum sabor inconsciente.  
— Dão-se as bôcas a rir, de olhos imersos —  
Cantam as fontes deslumbradamente!

Lenços garridos — sinfonia. Versos  
Que o povo vai cantando alegremente...  
E há nesses coloridos tão diversos  
Uma harmonia quási que aparente.

O céu azul envolve num lirismo  
Essa hora estival de paganismo,  
Recolhe as almas, deixa os corpos só.

E a onda alastra, aumenta, continua,  
Desce da serra... E pelo ar flutua  
A volúpia do mundo feita em pó.

## FRAQUEZA

TALVEZ vencendo a dor com um sorriso  
E calando por vezes a razão,  
Eu pudesse atingir a perfeição  
E ser forte, afinal, como preciso.

Mas, tão frágil e triste, o coração,  
Cada vez que à distância te diviso,  
Porque vacila, tímido, indeciso?  
Porque se cala? Porque luta em vão?

Não és, de certo, o único esplendor  
Dêste mundo tão vasto... E o teu amor  
A derradeira vibração dos céus...

Porque tremo da luz do teu olhar?  
O que fizeste para me encantar,  
Sombra, demónio, criação de Deus?

## CANÇÃO DE AMOR

A noite cai na terra lentamente,  
Como um véu de tristeza a flutuar.  
Passam asas voando doidamente,  
Iluminam-se as fontes ao luar.

Meus olhos são dois monges, tristemente  
Nas coisas infinitas a pensar.  
E tudo o que eu adoro intimamente,  
Vejo surgir à luz do meu olhar!

Uma canção divina me acompanha  
— Cheia de luz e de harmonia estranha,  
Que vai comigo neste sonho eterno...

Uma canção suave, embaladora,  
Que desce à minha vida sofredora,  
Como um raio de sol no frio inverno.

## ESTIAGEM

**F**ONTES sêcas à míngua. O sol de Agôsto  
Criou êste desdém à sua imagem.  
Sente-se em tudo um íntimo desgôsto.  
— Os campos loiros morrem de estiagem.

Senhor! Como a tristeza do sol-posto  
Interpretou a dor desta païsagem!...  
As cepas ainda há pouco côr de mosto,  
Empalidecem, ao calor da aragem.

Nunca, ainda, uma lágrima dos céus  
Tão benvinda seria, como agora,  
Sôbre esta terra humilde e sequiosa.

Chorai, chorai ao menos, olhos meus!  
Enquanto a voz dêste deserto implora  
Uma gotinha d'água milagrosa.

## SERENIDADE

**A** minh'alma é um bosque adormecido  
No embalo sereno da tristeza,  
Um bosque onde podia ter nascido  
O verdadeiro amor da natureza.

Bosque de sonho, solidão de olvido,  
Onde o cântico vago da incerteza  
Põe nas horas o mágico sentido  
Do murmúrio bendito duma reza.

Neste frémito d'oiro dos meus sonhos,  
Os dias passam mudos e tisonhos  
— Dias de sol e noites de luar...

E olho às vezes no fundo da minh'alma,  
Como quem vê a superfície calma  
Dum lago onde apetece descansar.

# ÍNDICE

	Pág.
Aspiração . . . . .	7
Incerteza . . . . .	8
Maio . . . . .	9
Ciúme . . . . .	10
Entardecer. . . . .	11
Contraste . . . . .	12
Razão. . . . .	13
Ao Domingo . . . . .	14
Melancolia . . . . .	15
Ruína. . . . .	16
Sempre . . . . .	17
Destinos. . . . .	18
Ausência . . . . .	19
Passeio . . . . .	20
Saúde. . . . .	21
Inquietação . . . . .	22
Regresso à Aldeia. . . . .	23
Segredo . . . . .	24
Preiamar . . . . .	25
Cavador. . . . .	26
Tempestade . . . . .	27
Aquela Fonte. . . . .	28
Triunfo . . . . .	29
Paixão . . . . .	30
Transfiguração . . . . .	31
Amor. . . . .	32
Spleen . . . . .	33

	Pág.
Visões do Sul:	
I — . . . . .	34
II — . . . . .	35
III — . . . . .	36
Setembro . . . . .	37
Amendoeiras em Flor . . . . .	38
Fado . . . . .	39
Velho Têma . . . . .	40
Arraial . . . . .	41
Fraqueza . . . . .	42
Canção de Amor . . . . .	43
Estiagem . . . . .	44
Serenidade. . . . .	45

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
SOCIEDADE INDUSTRIAL DE  
TIPOGRAFIA, Limitada / RUA  
ALMIRANTE PESSANHA, 3 E 5  
(AO CARMO) - LISBOA